



ISSN 1807-2550

Paleontologia em Destaque

Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Paleontologia

Ano 26 nº 64

Marco/2011

PALEO 2010

Resumos

de graduação e poderão também atuar alunos de pós-graduação de outras instituições do país e exterior.

DIVERSIFICAÇÃO DE MUSEUS E SALAS DE EXPOSIÇÃO PALEONTOLÓGICA NO CARIRI COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO REGIONAL

ELOISA MAGALHÃES PÁSSARO DO NASCIMENTO

Universidade Federal do Ceará; *eloisa_passaro@hotmail.com*

MARIA HELENA HESSEL*

Universidade Federal do Ceará; *mhhessel@gmail.com*

A natureza, através de seu registro geológico, nos mostra que sucesso é diversificação e não grande número ou grande porte. Existem cerca de mil espécies de dinossauros, muitos de grande porte, todos extintos. Em contrapartida, os pequeninos insetos têm mais de 90 mil espécies conhecidas, vivendo atualmente em plena expansão. Se uma espécie de inseto se extinguir, milhares de outras manterão o grupo vivo. Diversidade oferece opções de escolha, de adaptação, de sobrevivência. Nas atividades humanas não é diferente: quase sempre preferimos estabelecimentos com grande número de itens à venda do que locais com poucas opções de escolha. Portanto, se almejamos o sucesso de projetos sócio-educativos, devemos oferecer à população uma variedade de opções que, juntas, transmitam a importância do tema. No Cariri existe um dos mais ricos e extraordinários locais fossilíferos do mundo, com seres que viveram há cerca de 110 milhões de anos atrás (Eocretáceo) na bacia do Araripe. Entre as quase 400 espécies conhecidas, estão espécies de pterossauros e peixes preservados com tecidos e ossos tridimensionais, delicados insetos como libélulas, efêmeras, vespas, baratas, grilos e gafanhotos, representantes das primeiras angiospermas, ainda pequenas e aquáticas, e muitas outras formas. Esta biodiversidade é bem valorizada por cientistas estrangeiros, mas não pela população local, que vê os fósseis como parte de seu cotidiano, vivido em tom menor. Parte da paleobiota ocorrente nos sedimentos do Araripe pode ser vista no Museu de Paleontologia em Santana do Cariri, numa sala de exposição do Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM) no Crato e numa pequena casa em Jardim, três cidades dos 27 municípios do Piauí, Pernambuco e Ceará por onde se entende a bacia do Araripe com seus fósseis. Atualmente, o governo do Estado do Ceará, através do Geopark Araripe, procura desenvolver projetos geopaleontológicos que promovam a auto-sustentabilidade das comunidades que vivem na região do Cariri. Se o Geopark Araripe estimular a criação de novos museus e salas de exposição de fósseis em várias localidades do território de sua atuação, estará diversificando as opções de contato científico da população com os fósseis, oferecendo novas rotas geoturísticas, e assim colaborando efetivamente para o desenvolvimento cultural da região, a oferta de novos postos de trabalho, a valorização das riquezas paleontológicas de seu subsolo, e a redução do comércio ilegal de seus fósseis. [* Bolsista DCR da FUNCAP]

A PALEONTOLOGIA BRASILEIRA NA ANTÁRTICA: HISTÓRICO E PERSPECTIVAS

FERNANDA QUAGLIO*

Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP – IGc-USP, *quaglio@usp.br*

TÂNIA LINDNER DUTRA

Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS – UNISINOS, *tdutra@unisinos.br*

LUIZ EDUARDO ANELLI

Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP – IGc-USP, *anelli@usp.br*

Estudos paleontológicos realizados por brasileiros na Antártica iniciaram-se em meados de 1980, seguidos da criação do Programa Antártico Brasileiro (ProAntar). Três núcleos atuais liderados pela UNISINOS, USP e UFRJ têm explorado, respectivamente, questões ligadas à paleobotânica mesocenozóica, invertebrados cenozóicos e vertebrados mesozóicos. Paleontólogos de outras instituições também contribuíram para a pesquisa paleontológica antártica, porém de forma isolada. Desde a publicação dos primeiros resultados em 1987, foram produzidos 8 artigos internacionais e 14 nacionais completos e 16 resumos internacionais e 70 nacionais. Foram formados 48 alunos de

graduação, mestrado e doutorado no estudo de fósseis antárticos. Textos em jornais, revistas, sites de internet e exposições de fósseis contribuíram para a divulgação do tema. Dois outros artigos internacionais aceitos para publicação integrarão a lista brevemente. Muito embora a produção científica referente ao tema não tenha distribuição uniforme, o interesse pela paleontologia antártica tem crescido na última década. A partir de 1984, a formação de alunos e a produção científica se mostraram mais consistentes. Projetos com ênfase principal nos fósseis, ainda que de forma intermitente, passaram a ser realizados apenas a partir de 1998. Devido a esta intermitência, os pesquisadores tendem a dividir o foco de suas pesquisas em temas dissociados daqueles sobre a Antártica. Até 2002, somente instituições gaúchas realizaram pesquisas paleontológicas consistentes. A partir desse ano, pesquisadores paulistas passaram a dedicar parte de seus trabalhos à paleontologia. Em 2004 foi a vez dos paleontólogos cariocas iniciarem suas pesquisas. A este recente interesse nacional pela paleontologia antártica, bem como à intensa dedicação de nossos paleontólogos pioneiros no tema, soma-se o grande número de organizações internacionais recém iniciadas na pesquisa antártica. Propostas de abordagens ligadas à diversidade, ecologia e climas pretéritos no contexto do resfriamento antártico, ocorrido há cerca de 35 milhões de anos, estão presentes há muito tempo nas diretrizes de pesquisas do SCAR. Entretanto, a insegurança enfrentada pelos pesquisadores diante do oferecimento inconstante de recursos para a realização de projetos resulta na ainda imatura tradição de pesquisa brasileira nesses temas. É real, como indicado pelos números acima, a possibilidade de paleontólogos nacionais se dedicarem exclusivamente a temas antárticos ainda nos próximos anos. Uma nova fronteira de pesquisa está surgindo. Para tanto, apenas um maior número de projetos materializará o vasto potencial de pesquisa para a projeção internacional do Brasil sobre a paleontologia antártica. [*bolsista de Doutorado CNPq]

CONFECÇÃO DE MATERIAL PALEOARTÍSTICO PARA A MOSTRA PALEONTOLÓGICA NO NÚCLEO CIÊNCIA VIVA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

FRANCIELI REGINA GARLET* & ÁTILA AUGUSTO STOCK DA-ROSA
Núcleo Ciência Viva – UFSM, RS, francieligarlet@yahoo.com.br; atildarosa@yahoo.com

O trabalho que vem sendo realizado desde 2008 na Universidade Federal de Santa Maria, RS, tem como objetivo a confecção de ilustrações e esculturas de vertebrados fósseis do triássico e do pleistoceno para compor a Mostra Paleontológica no Núcleo Ciência Viva, de modo a facilitar a identificação dos fósseis expostos no local. Nas duas linguagens artísticas mencionadas acima, já estão confeccionados o dicinodonte *Dinodontosaurus* sp., o arcossauro *Prestosushus chiniquensis*, o rincossauro *Hyperodapedon* sp. e o pterossauro *Faxinalipterus minima*. Em torno do processo de confecção desses três últimos vertebrados se dará o enfoque do presente resumo. A metodologia utilizada para o desenvolvimento das esculturas e ilustrações une pesquisa bibliográfica sobre os paleovertebrados a serem produzidos, consultas à reconstituições feitas por outros paleoartistas e produção de desenhos de estudo. A pesquisa de materiais adequados, no caso das esculturas, também é considerada, tendo em vista facilitar o transporte e, em alguns casos, fixação na parede. No processo de confecção do *Prestosushus chiniquensis*, o primeiro passo foi entalhar um bloco de poliuretano dando forma à estrutura do crânio em escala reduzida, que, em seguida, foi revestida com uma camada de massa plástica. A última camada foi produzida em massa epóxi, permitindo o detalhamento da peça. A miniatura de rincossauro foi produzida em argila, já que esta não será fixada na parede. A estrutura do pterossauro *Faxinalipterus* foi confeccionada com jornal, fita crepe, arame e gaze engessada, sendo revestida com papel e cola, para dar firmeza à peça. Até o fim deste ano, pretende-se confeccionar uma miniatura de um anfíbio temnospôndilo e um busto de rincossauro. Os materiais desenvolvidos permanecerão expostos no Núcleo Ciência Viva, subsidiando atividades educativas e de conscientização para preservação do patrimônio paleontológico da região central do RS. [* Bolsista FIEX/UFSM]